

O PARTITO COMUNISTA D'ITALIA NO BRASIL E AS LUTAS ANTIFASCISTAS ITALIANAS NA AMÉRICA LATINA

João Fábio Bertonha*

INTRODUÇÃO

A história do antifascismo italiano¹ fora da Itália é um campo ainda fecundo para investigações, especialmente em alguns países onde a pesquisa sobre o tema ainda não teve grande desenvolvimento. De fato, se em países como França e Estados Unidos os estudos sobre a ação do fascismo e do antifascismo nas comunidades italianas produziram grande volume de bibliografia, a situação é menos rósea em países como o Brasil, onde, apesar da existência de enorme coletividade italiana no período considerado, a investigação histórica sobre o tema é ainda incipiente.

Se isso é evidente em relação ao estudo do antifascismo italiano em geral, o é ainda mais quando se procura localizar informações sobre a atividade de um dos pilares do antifascismo italiano – o Partito Comunista d'Italia (PCI) – no país líder da América Latina. É essa lacuna que este texto procura trabalhar, esperando colaborar para o aumento do conhecimento disponível tanto sobre o antifascismo italiano no exterior, como sobre a atuação do PCI fora da Itália.

Porém, antes de começarmos nossa busca pelas atividades comunistas no Brasil, acreditamos que seria útil apresentar um rápido quadro da ação do fascismo e do antifascismo italianos em São Paulo (seu centro de atividade no país), de forma a podermos ter um quadro geral onde situar a experiência comunista italiana no país.

* Doutor em História Social pela Unicamp e professor colaborador de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá.

FASCISTAS E ANTIFASCISTAS ITALIANOS EM SÃO PAULO NO ENTRE GUERRAS

Desde o início de suas atividades, o partido fascista (e depois o governo fascista) procurou transferir seus ideais para os concidadãos residentes no exterior. Nesse sentido, foi feito todo um esforço para manter viva a italianidade entre os imigrantes e seus descendentes e inculcar a ideologia fascista entre eles, de forma a manter os laços entre as comunidades italianas espalhadas pelo mundo e a Itália fascista.²

São Paulo não fugiu à regra. A partir de 1923 começaram os esforços fascistas para cativar os italianos e seus descendentes residentes no estado. É principalmente a partir de 1928, porém, com a chegada dos cônsules “fascistas” ao Brasil, que os esforços fascistas serão redobrados com todos os meios sendo empregados na tarefa de cativar os imigrantes.

E que meios seriam esses? Na realidade, o fascismo se serviu de duas vias principais para a busca do consenso no seio da comunidade italiana. De uma parte, procurou uma penetração direta nessa comunidade, por meio da expansão da rede consular e da implantação, em São Paulo, de órgãos fascistas propriamente ditos: os *fasci all'estero*, os *Dopolavoro*, etc. De outra parte, ao mesmo tempo em que implantava seus instrumentos de propaganda e doutrinação no Brasil, o fascismo italiano ia agindo por outras vias no esforço supremo de conquistar as mentes e as almas dos italianos residentes em São Paulo. Nesse sentido, o consulado italiano agia,

<https://doi.org/10.36311/0102-5864.15.v0n33.2172>

no decorrer dos anos 20 e 30, especialmente após a chegada em São Paulo do cônsul Serafino Mazzolini (dedicado propagandista do regime) em 1928, com a intenção de controlar todos os órgãos que davam vida à assim chamada “colônia italiana”: escolas, jornais, associações, todos esses órgãos foram caindo um após o outro sob o controle do fascismo, que os transformava em novos instrumentos para a difusão dos valores do regime.

Assim, uma grande estrutura de propaganda foi montada e usada para difundir o fascismo em São Paulo. Uma avaliação mais segura do sucesso dessa campanha entre os italianos e entre os brasileiros ainda está sendo desenvolvida, mas não resta dúvida de que a ação do fascismo italiano em São Paulo foi bastante apreciável, merecendo uma atenção maior da historiografia que, até agora, dedicou-se apenas marginalmente ao tema.

Desde o início da penetração do fascismo em São Paulo, porém, ela enfrentou a oposição de homens que não concordavam com os atos do regime de Mussolini, que trazia essa luta para a terra paulista.

De fato, desde 1919, jornais de esquerda ligados à colônia italiana, como o anarquista *Alba Rossa* e outros, começaram a publicar textos contra o fascismo. A primeira manifestação sistemática de antifascismo italiano em São Paulo foi a fundação do jornal *La Difesa*, em 1923, por iniciativa de Antonio Piccarolo, um socialista moderado italiano radicado no Brasil desde 1908 e muito ativo na vida da coletividade.³

Esse jornal abrigava em seu interior várias correntes antifascistas, como os republicanos, os socialistas e os antifascistas ligados à Lega Italiana dei Diritti dell’Uomo (Lidu), o que levou a conflitos internos. Em 1925, os antifascistas italianos aglutinados em torno do *La Difesa* conseguiram criar a primeira instituição antifascista real: a Unione Democratica, sendo *La Difesa* seu órgão oficial.

No início de 1926, uma assembléia da Unione Democratica a filiou à Lidu e, ainda nesse ano, Piccarolo abandonou – pelo que consta, por razões pessoais – a direção do jornal, apesar de continuar trabalhando nele, e a transferiu para Francesco Frola, recém-chegado da Europa.

Frola introduziu mudanças no jornal, abrindo-o para outros antifascistas italianos, como os anarquistas Oreste Ristori, Angelo Bandoni e Alessandro Cerchiai ou os comunistas como Goffredo Rosini e Ertulio Esposito e muitos outros. Devido a essa abertura (inimaginável nos tempos de Piccarolo) e a outros fatores, Frola entrou em atrito com Piccarolo, disputando com ele o privilégio de se tornar o representante brasileiro da Concentrazione Antifascista e o controle do *La Difesa*. Piccarolo venceu o conflito em 1930 e transferiu a direção do jornal para Nicola Cilla e Mario Mariani, antifascistas recém-chegados a São Paulo que conduziram, junto com Piccarolo, os destinos do *La Difesa* até o seu fim em 1934.⁴

A experiência do *La Difesa* – conduzida centralmente pelos socialistas italianos de diferentes matizes – foi a mais importante dentro do antifascismo italiano no Brasil. Porém, mesmo durante a existência do *La Difesa*, outros grupos e correntes mantinham seus jornais e organismos de luta antifascista, como o *Bolletino del Gruppo Socialista Giacomo Matteotti*; o *Il Becco Giallo*, de Nino Daniele, o *I Quaderni della Libertà*, de Alessandro Cerchiai, o *Italia Libera*, de Pasquale Petraccone e outros. Esses grupos mantinham um bom relacionamento com o



Antônio Piccarolo (Gentileza de Germinal Leuenroth)



La Difesa na gestão Frola, mas colidiram violentamente com o jornal quando ele retornou às mãos da tríade Piccarolo, Cilla e Mariani, em 1930, gerando conflitos internos que ajudaram a minar o antifascismo.

Com o fim do *La Difesa* e da Concentrazione, em 1934, e a decadência (devido à repressão) do antifascismo brasileiro em 1935 (que ajudou a dar nova força aos antifascistas italianos entre 1932 e 1935),⁵ o mundo antifascista italiano de São Paulo começou a perder consistência. Através de movimentos contra a guerra da Etiópia em 1935 e de novos jornais o antifascismo italiano de São Paulo lutou para vencer a propaganda dos fascios, mas o contínuo crescimento da popularidade fascista dentro

e fora da colônia italiana e a brutal repressão contra a esquerda pelo governo brasileiro pós-1935 (cortando os seus laços com os brasileiros e expulsando ou prendendo boa parte da liderança antifascista italiana como Frola, Ristori, Esposito, Rosini, Petraccone e outros) ajudaram, entre outros fatores, a levar o antifascismo italiano de São Paulo a um estado de quase total apatia. Há uma tentativa de reestruturar o antifascismo em 1942, mas ela falhou, o que revela as dificuldades de ação antifascista no Brasil do entre guerras.⁶

Dentro desse quadro geral é que podemos encaixar a curiosa atuação (ou não atuação) do PCI em terra brasileira.

O PARTITO COMUNISTA D'ITALIA NO BRASIL

A princípio, delimitar a atuação do PCI no Brasil é algo extremamente simples, pois não existem indícios ou sinais de nenhuma espécie dando conta de atividades organizadas do PCI no Brasil.

De fato, não só as fontes policiais brasileiras e italianas e os jornais fascistas e antifascistas não revelam nada sobre o tema, como pesquisas minuciosas realizadas pelo autor nos arquivos do PCI depositados no Istituto Gramsci de Roma vieram

apenas confirmar a ausência de ações organizadas do PCI no interior da coletividade italiana do Brasil.

Essa situação pode ser confirmada também por uma carta de Goffredo Rosini a Frederico Gentilucci, em Paris, onde confirma as dificuldades para a criação de uma seção do PCI em São Paulo:

Não existe mais nada, nem poderia existir. Talvez você saiba que o governo brasileiro dissolveu várias vezes o Partido Comunista e até mesmo um Partido Socialista [...] Bem nesses dias foram dissolvidos o Bloco Operário e Camponês (uma espécie de Partido Comunista Brasileiro), o Comitê para a reconstrução da CGT e todas as organizações econômicas e de classe existentes. Os elementos estrangeiros que foram presos no decorrer das batidas efetuadas foram mandados para seus países de origem. Essa é a situação. Que deveria fazer alguém como nós? Retirar-se para a vida privada, para conservar límpido e... impotente o espírito? Ou fazer alguma coisa e trabalhar contra o fascismo, junto com aqueles que estão mais próximos de nós e que não constituem um verdadeiro movimento político? [...] Aqui em São Paulo, existem 3 (repito, 3) comunistas italianos. Um é o viajante da *Difesa*, que é o único honesto e sério. O outro é quem lhe escreve. O terceiro é um *caffen* ou gigoló [...] Pela segunda vez, que fazer nesse ambiente, em tal situação? Depois, também a minha entrada na *Difesa* causou grande confusão. O órgão da Concentrazione estrala, dizendo que o comunismo está se infiltrando em meio aos italianos. Um jornal fascista, *Il Pasquino*, dirigido por Rocchetti, o assassino (o Rocchetti foi quem assassinou o nosso Trocchaioli, de Macerata), está me denunciando à polícia há seis números, citando o meu nome, na esperança de me fazerem ser deportado [...]. O ambiente esquentou e, para me defender, tenho que brigar para valer. Comecei uma campanha feroz contra Mazzolini, Rocchetti e um tal de comendador Rubbiani. Pior do que os tratei é impossível. Certamente, esta não é uma luta de idéias e uma luta nossa. Mais do que isso não se pode fazer, garanto-lhe. Acho que o que se pode e se deve pretender na França e na Bélgica não se pode pretender aqui.⁷

Como se pode perceber por esse interessante documento, vários fatores dificultaram a ação organizada dos comunistas italianos em São Paulo: resistência dos outros grupos antifascistas em aceitá-los, especial atenção dos órgãos fascistas e do sistema de repressão policial brasileiro, etc. Além disso, o grande fator para bloquear suas atividades também está expresso explicitamente no documento: o baixo número de militantes comunistas disponíveis para tentar criar uma estrutura mais

A princípio, delimitar a atuação do PCI no Brasil é algo extremamente simples, pois não existem indícios ou sinais de nenhuma espécie dando conta de atividades organizadas do PCI no Brasil.

organizada de luta antifascista comunista italiana em São Paulo.

Os comunistas italianos eram, de fato, em número virtualmente desprezível e a razão para isso era fundamentalmente uma: a ausência de imigração comunista italiana para o Brasil no entre guerras.

A emigração comunista italiana se concentrou, de fato, majoritariamente na França,⁸ com grupos menores se instalando na Bélgica, Argentina e outros locais. As razões para tal preferência foram, sem dúvida, a proximidade geográfica e cultural, a certeza do apoio do PCF⁹ e fatores subjetivos como a existência de uma cadeia emigratória ligando áreas fortemente comunistas do Norte da Itália com a França.¹⁰

Dessa forma, poucos comunistas se arriscaram a tentar a sorte no longínquo e politicamente asfixiante Brasil¹¹ e isso foi um golpe definitivo em qualquer idéia de instalar uma seção do PCI em São Paulo. A luta dos poucos emigrados comunistas acabou se dando a partir da ação individual de alguns líderes-chave e da articulação com as forças antifascistas italianas de outros credos políticos e, depois, com as forças comunistas brasileiras.

Para descrever corretamente essas ações comunistas no Brasil, porém, é essencial apresentar em detalhes as biografias dos líderes-chave do comunismo italiano do Brasil: Goffredo Rosini, Ertulio Esposito e, talvez, Pasquale Petraccone.

Goffredo Rosini¹² nasceu em Iesi em 23 de março de 1899, tendo estudado pedagogia na Universidade de Roma e trabalhado como professor primário. Inicialmente membro do PSI, entrou para o PCI quando da divisão do partido, sendo ativo propagandista e tendo escrito nos jornais *L'Ordine Nuovo* e *L'Unità*. Emigrou da Itália em fins de 1925 e, após passagens pela URSS e pela França, embarcou, a convite de um tio, para o Brasil, em junho de 1929. Imediatamente iniciou atividades antifascistas, de divulgação do comunismo e de agitação sindical e a partir de então foi marcado pela polícia brasileira e pelo consulado italiano com ameaças de expulsão e prisão constantes.

Convertido ao trotskismo em data não precisa (mas, provavelmente, durante sua estada no Brasil), teve papel chave na formação da *Frente Única Antifascista* em São Paulo (que congregou antifascistas brasileiros e italianos dos mais diversos credos para a luta contra os fascismos brasileiro e italiano), recebendo como recompensa a expulsão do Brasil em 1934. A partir daí, seu rumo toma conotações

Os comunistas italianos eram, de fato, em número virtualmente desprezível e a razão para isso era fundamentalmente uma: a ausência de imigração comunista italiana para o Brasil no entre guerras.



Comunistas x Fascistas, centro de São Paulo, 7/10/1934 (Iconografia).



lendárias e é difícil ter certeza sobre o seu destino. Foi, porém, uma figura-chave do comunismo italiano de São Paulo e uma figura lendária do antifascismo local.

Menos conhecido, mas igualmente importante, é Ertulio Esposito.¹³ É o segundo comunista italiano sério mencionado na carta de Goffredo Rosini citada anteriormente e esteve sempre atuante na luta política antifascista e de esquerda e nos conflitos sindicais brasileiros, merecendo por isso ser resgatado do esquecimento em que sempre esteve.

Era napolitano, nascido em 11 de outubro de 1888 e emigrado para o Brasil em 1923. Inicialmente socialista e depois comunista, trabalhou como condutor de bondes e fotógrafo em São Paulo. Sempre teve grande

atividade sindical (participando das greves da Light e ajudando a organizar a Federação Sindical Regional de São Paulo), de distribuição de material comunista e antifascista entre os operários, etc. Preso um sem-número de vezes, foi expulso do Brasil em 1932, tendo seus traços se perdido depois disso.

Pasquale Petraccone representa um caso mais duvidoso.¹⁴ Nascido em Potenza, foi tenente de

artilharia na guerra. Em 1926, emigrou para São Paulo. Em 1930, dirigia o jornal *Italia Libera*, que era o órgão dos dissidentes da Concentrazione e, em 1942, esteve na liderança de *Italia Libera* no Brasil ao lado de antifascistas como Trento Tagliaferri e Antonio Piccarolo.

O curioso em sua biografia é sua aproximação do comunismo. Não só é mencionado várias vezes nos registros policiais como amigo de Rosini, como é apresentado até como o representante do Socorro Vermelho Internacional no Brasil e processado pelo Tribunal de Segurança Nacional em 1938, ao lado de famosos trotskistas brasileiros como Mario Pedrosa, Luís Hermenegildo Lobato e outros. Vários outros italianos (Carlo Tamagni, Felippo Ferri, Luigi Cingolani), com relações pessoais ou profissionais com ele, também foram acusados de trotskismo e os processos policiais são pródigos em esforços para tentar relacionar esses italianos e Petraccone com os trotskistas e o Socorro Vermelho Internacional. O processo do Tribunal de Segurança Nacional termina com a absolvição dos réus, seguida de decretos de expulsão. Os ameaçados procuraram seguir para o México, mas, aparentemente, não foram expulsos, dado que Petraccone, por exemplo, está no movimento dos Italianos Livres, em 1942.

É difícil saber com certeza se a conversão de Petraccone e seus amigos ao trotskismo é real (apesar de ser provável, ao menos até certo ponto), mas é curioso notar como vários dos principais líderes comunistas italianos em ação no Brasil parecem estar mais inclinados ao trotskismo do que às orientações do PCI, o que sem dúvida também ajuda a explicar a ausência de uma seção do PCI em São Paulo.

Sem a alternativa de um movimento autônomo, os comunistas italianos desejosos de fazer uma militância não individual contra o fascismo tinham que se aliar a forças antifascistas de maior expressão local. Dentro do círculo restrito de antifascistas italianos houve intercâmbios de Rosini e Esposito com Pasquale Petraccone e seu jornal *Italia Libera*, em 1930.¹⁵ O grande ponto de aglutinação dos comunistas foi, porém, o jornal *La Difesa* que, durante a gestão Frola e sua proposta unitária, aceitou a colaboração de Rosini no jornal¹⁶ e até empregou Ertulio Esposito como viajante comercial. Depois da saída de Frola do jornal, eles acabaram se reunindo a outros antifascistas minoritários em jornais dirigidos pelos anarquistas e por antifascistas

O grande ponto de aglutinação dos comunistas foi, porém, o jornal *La Difesa* que, durante a gestão Frola e sua proposta unitária, aceitou a colaboração de Rosini no jornal e até empregou Ertulio Esposito como viajante comercial.

isolados como Nino Daniele, até a repressão e a decadência do antifascismo calar a todos, na segunda metade dos anos 30.

Os comunistas também fizeram o possível para se integrar às organizações e às lutas de seus irmãos brasileiros. No caso de Rosini, Petraccone e outros trotskistas isso foi verdadeiro, tendo eles se articulado ao redor da *Liga Comunista Internacionalista*, dos grupos que derivaram dela e de líderes-chave do trotskismo brasileiro como Mário Pedrosa.¹⁷ Contudo, mesmo deixando de lado o grupo trotskista e nos concentrando nos poucos comunistas italianos emigrados para o Brasil, também encontraremos fundo relacionamento com as organizações equivalentes nacionais.

De fato, encontramos referências a vários italianos que militavam no Partido Comunista Brasileiro (ignoramos, obviamente, a questão dos descendentes) sem nenhuma referência a contatos anteriores com o PCI ou de militância paralela no antifascismo italiano local, o que deve indicar total imersão nas lutas políticas nacionais e ignorância, por parte desses militantes, de sua origem italiana.¹⁸ Isso não foi, porém, a regra geral, havendo registros de militantes italianos do PCB que só se entregaram a ela após militância anterior no PCI¹⁹, ou de outros que combinavam a militância no PCB com ao menos algum contato (mas não adesão plena) com o antifascismo italiano local.²⁰ Assim, as redes de militância e de circulação de idéias e materiais do PCB, do PCI e dos outros antifascistas italianos se cruzam e se sobrepõem dentro de uma malha complexa que talvez não seja possível recuperar por inteiro.



Mário Pedrosa (foto de prontuário policial)

Em resumo, temos italianos que haviam sido comunistas na Itália, mas que se concentraram, no Brasil, na atividade antifascista; enquanto outros na mesma situação ignoraram o antifascismo italiano local e se dedicaram totalmente às lutas polí-

ticas brasileiras. Há também os que preferiram combinar a militância nas organizações políticas irmãs brasileiras com outra equivalente no antifascismo italiano local e os que esqueceram sua origem italiana e se limitaram a militar no PCB. Havia, pois, mais militantes comunistas italianos em São Paulo que um exame interno ao movimento antifascista italiano local constata, mas, sem dúvida, esses eram em número pequeno demais para criar uma seção do PCI em São Paulo (o que reforçava sua dispersão) ou para modificar o caráter decisivamente moderado dos antifascistas italianos de São Paulo.

Um último ponto: temos informações de que, em 1924, os partidos comunistas do Brasil e da Itália lançaram um comunicado conjunto contra o fascismo. Nesse comunicado, após constatar a imensa migração de trabalhadores italianos para o Brasil e a comunhão de interesses deles com os brasileiros, defendia-se a imediata adesão dos proletários italianos aos sindicatos brasileiros e proclamava-se:

Companheiros brasileiros! A insídia que vos ameaça é dupla: por um lado a burguesia brasileira procura explorar-vos com a criação de reservas para com vossos irmãos italianos; por outro lado, o fascismo italiano tentará reassumir aqui na América do Sul o seu domínio terrorista sobre vós, do qual vos libertastes apenas pelo exílio. Uma primeira tentativa dos homens do porrete, italianos, de estabelecer o fascio no Brasil, já faliu... Mas os inimigos da classe trabalhadora são perseverantes nos seus fins. Já novos acordos se fizeram entre os camisas pretas italianos e a Liga Patriótica brasileira – o fascismo indígena – para conduzir com melhor êxito a luta contra os trabalhadores.

Entre a burguesia brasileira e a italiana existe completa comunhão de interesses e solidariedade de classe. Deveis seguir o exemplo dos vossos inimigos: com o auxílio e união de vossos irmãos brasileiros impedireis que o fascio implante no Brasil, na América do Sul, uma filial do regime fascista italiano que vos condenaria outra vez às horribéis vicissitudes do horror branco.²¹

Os comunistas também fizeram o possível para se integrar às organizações e às lutas de seus irmãos brasileiros. No caso de Rosini, Petraccone e outros trotskistas isso foi verdadeiro, tendo eles se articulado ao redor da *Liga Comunista Internacionalista*, dos grupos que derivaram dela e de líderes-chave do trotskismo brasileiro como Mário Pedrosa.

Quase catorze anos depois, espiões fascistas denunciaram que um agente do PCB, Conrado Bernacca, teria se inserido dentro da seção da Opera Nazionale Dopolavoro de São Paulo para subvertê-la por dentro.²² A princípio isso poderia ser interpretado como mera paranóia dos fascistas, e tudo leva a crer que era mesmo. Dado, porém, o comunicado citado de 1924 (indicando uma solidariedade mínima entre os dois PCs) e o fato de o PCI realmente ter pensado, em um certo momento, na idéia de subverter o fascismo através da entrada dos comunistas nas organizações juvenis e de massa fascistas,²³ fica aberta a questão – ainda não decidida pela documentação – das relações entre os dois PCs e a influência recíproca que podem ter tido em termos de políticas contra o fascismo, alianças, etc.

De qualquer maneira, o que salta aos olhos sem dificuldades é a profunda diferença entre a situação vivida pelos comunistas italianos em outros países e no Brasil. De fato, não só temos “grupos de língua” italianos fortíssimos dentro dos PCs da França, Luxemburgo, Bélgica, Suíça e Argentina,²⁴ como até em países onde os comunistas italianos não foram tão fortes, como os Estados Unidos, a Austrália e até mesmo a Tunísia,²⁵ havia grupos de comunistas italianos mais organizados e inseridos dentro dos PCs locais do que no Brasil.

Essa situação parece derivar da ausência quase que total de emigrados comunistas italianos para o

Brasil no período entre guerras (como visto anteriormente) e, especialmente, do clima continuamente anticomunista dentro da estrutura política e policial brasileira, o que não só fazia do Brasil um país inóspito para a emigração comunista italiana como ajudava a manter, ao lado de outros fatores, o PC local em estado de extrema fraqueza e incapaz de apoiar os possíveis grupos de comunistas italianos imigrados.

Dados esses fatores, não espanta a ausência quase que geral do PCI dentro da luta antifascista italiana no Brasil.

Aparentemente, essa ausência é uma mera curiosidade acadêmica, mas, na realidade, fornece uma explicação-chave para ajudar a compreender o enfraquecimento e a morte do antifascismo italiano no Brasil a partir da segunda metade dos anos 30.

De fato, um giro de olhos pela bibliografia internacional nos mostra como, após a decadência do antifascismo democrático no pós-1934, foi a aliança dos comunistas com os socialistas que renovou o antifascismo e o impediu de sucumbir no período negro de ascensão dos fascismos na segunda metade da década de 30.

Realmente isso ocorreu na Austrália, na Argentina, na Tunísia,²⁶ na Bélgica²⁷ e muito especialmente na França, onde, com a experiência da Unione Popolare Italiana, os comunistas assumiram a liderança do movimento antifascista²⁸ e o renovaram, fazendo ressurgir associações antifascistas,²⁹ ampliando a limitada base social dos antifascistas,³⁰ etc.

Leonardo Rapone está correto em pôr limites a essa renovação e a essa nova força do antifascismo, mas houve, sem dúvida, uma nova fase de vigor do movimento após o fim da fase anterior. Isso, porém, não pôde ocorrer no Brasil, onde não só a repressão (especialmente no pós-1936, mas também antes) não permitiria a atividade comunista italiana, como essa simplesmente não poderia existir por simples ausência do PCI no Brasil.

À primeira fase do antifascismo italiano (a democrática), plenamente atuante no Brasil, seguiu-se, assim, um vazio,³¹ que só terminaria quando os antifascistas democráticos novamente voltaram à liderança do antifascismo italiano internacional no pós-1941 e puderam tentar se reconstruir novamente no Brasil.



De fato, um giro de olhos pela bibliografia internacional nos mostra como, após a decadência do antifascismo democrático no pós-1934, foi a aliança dos comunistas com os socialistas que renovou o antifascismo e o impediu de sucumbir no período negro de ascensão dos fascismos na segunda metade da década de 30.

NOTAS

- 1 Para as pessoas interessadas no antifascismo italiano em São Paulo, ver João Fábio Bertonha, *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo, 1919-1945* (São Paulo/Campinas: AnnaBlume/Fapesp/Centro de Migrações Internacionais da Unicamp, 1999). O presente artigo é uma versão resumida de um dos capítulos desse livro.
- 2 Para uma reconstrução desse esforço e ampla bibliografia complementar, ver João Fábio Bertonha. *Sob o signo do fascio – O fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1919-1945*, Campinas: Unicamp, 1998, tese de doutorado em História Social.
- 3 Sobre Piccarolo, ver Alexandre Hecker, *Um socialismo possível – A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo* (São Paulo: T. A. Queiroz, 1989) e João Fábio Bertonha, “O fascismo na visão de Antonio Piccarolo: antifascismo e reformismo no Brasil dos anos 20”, em *História e perspectivas*, Uberlândia, nº 11, 1994.
- 4 Sobre Mariani e Cilla, ver o processo de expulsão de Mario Mariani (Arquivo Nacional NA- IJJ 7, 1930) e as fichas de Mariani e Cilla nas polícias brasileira e italiana: Arquivo do Estado de São Paulo/Delegacia de Ordem Política e Social (Aesp/Dops) Prontuários 516 (Mario Mariani) e 70701 (Nicola Cilla) e Archivio Centrale dello Stato/Casellario Politico Centrale (ACS/CPC), b. 3059, p. 814 (Mariani, Mario) e 1343 (Cilla, Nicola). Ver, também, sobre Mariani, Emilio Falco, *Mario Mariani tra letteratura e politica* (Roma: Bonacci, 1980); Simonetta Tombaccini, *Storia dei fuorusciti in Francia* (Milão: Mursia, 1988) e Antonino Lacava, “Mario Mariani”, em *Antifascisti romagnoli in esilio* (Florença: La Nuova Italia, 1983). Já sobre Cilla, ver Leone Cilla, “Nicola Cilla”, em *Antifascisti romagnoli in esilio*, cit.
- 5 João Fábio Bertonha, “A resistência além-oceano; os ‘fuorusciti’ italianos e a experiência antifascista brasileira dos anos 30”, em *Anos 90*, nº 4, Porto Alegre, 1995.
- 6 Sobre a experiência de 1942, ver João Fábio Bertonha, “Política em tempos de guerra: a tentativa de reconstrução do antifascismo italiano em São Paulo em 1942/43”, em *Revista de História*, São Paulo, USP, nº 137, 1997.
- 7 Carta de 1929 constante em ACS/CPC, b. 4418, p. 23.664 (Rosini, Goffredo) e citada em Angelo Trento, *Do outro lado do Atlântico – Um século de imigração italiana no Brasil* (São Paulo: Nobel, 1989), p. 349. Cópias das cartas também estão em AN/IJ 6 402 Processo de expulsão de Ertulio Esposito, 1932 e AN/MJNI 6, Processo de expulsão de Goffredo Rosini, 1934.
- 8 Eric Vial, “Le casellario politico centrale – Source pour l’histoire de l’émigration politique”, em Pierre Milza (org.), *Les italiens en France de 1914 a 1940*. Collection de l’Ecole Française de Rome nº 94 (Roma: École Française de Rome, 1986).
- 9 Renato Monteleone, “Vienna 1923: una tappa del fuoruscitismo comunista italiano”, em *Movimento operaio e socialista*, nº 1-2, 1975; Stefano Schiaparelli, “L’emigrazione nel Lussemburgo, nel Belgio e in Svizzera”, em Massimo Massara (org.), *I comunisti raccontano. Cinquant’anni di storia del PCI attraverso le testimonianze di militanti* (Milão: Edizioni del Calendario, 1972).
- 10 Ver Eric Vial, “Le casellario politico centrale – Source pour l’histoire de l’émigration politique”, cit., e Franco Ramella, “Biografia di un operaio antifascista: ipotesi per una storia sociale dell’emigrazione politica”, em Pierre Milza, *Les italiens en France de 1914 a 1940*, cit.
- 11 Além dos líderes-chave a serem vistos em seguida e das pessoas ligadas a eles, os registros policiais indicam o nome de apenas alguns poucos comunistas (ou ao menos assim tachados pela polícia) emigrados para o Brasil no entre guerras e atuantes no antifascismo local: Aldo Messina, Alfredo Sgai, Romano Bassi, etc. Claro que esse número pode ser enganador e subestimar a realidade, mas parece óbvio que a imigração comunista italiana para o Brasil foi realmente mínima.
- 12 As informações a seguir foram extraídas de ACS/CPC, b. 4418, p. 23.664 (Rosini, Goffredo); AN/MJNI 6, Processo de Expulsão Goffredo Rosini, 1934 e (AESP/Dops), Prontuário 173 (Goffredo Rosini).
- 13 As informações a seguir vêm de ACS/CPC, b. 1894, p. 37.453 (Esposito, Ertulio); AESP/Dops, Prontuário 1014 (Ertulio Esposito) e AN/IJ 6, 402, Processo de Expulsão Ertulio Esposito, 1932.
- 14 As informações sobre Petraccone vêm de ACS/CPC, b. 3899, p. 21.607 (Petraccone, Pasquale); AESP/Dops, Prontuário 173 (Goffredo Rosini); AN/Tribunal de Segurança Nacional (AN/TSN), Processo 495 (Mário Pedrosa e outros) e AN/MJNI, 1933-1939, Caixa 535, Processo de expulsão de Pasquale Petraccone e outros.
- 15 Ver AN/IJ 6, 402, Processo de expulsão Ertulio Esposito), 1932, diversos documentos.
- 16 Na carta de Rosini, de 1929, ele também explica como, no ambiente repressivo brasileiro e dada a resistência dos jornais da Concentrazione em receber colaborações comunistas, a única maneira de fazer antifascismo era a aglutinação no jornal de Frola.
- 17 Vide Fúlvio Abramo, “Frente Única Antifascista, 1934-1938”, em *Cadernos Cemap*, São Paulo, 1, 1984; Fúlvio Abramo e Dainis Karepovs, *Na contracorrente da história – Documentos da Liga Comunista Internacionalista, 1930-1933* (São Paulo: Brasiliense, 1987) e Ricardo Figueiredo de Castro, *A oposição de esquerda brasileira* (Niterói: UFF, 1993), dissertação de mestrado e “As esquerdas e o processo constituinte brasileiro de 1933-34”, *História Social*, nº 2, Campinas, 1995.
- 18 Ver AESP/Dops, Prontuário 1009 (Partido Socialista Brasileiro), relatório de 20 ago. 1935 informando que o italiano Nicolino de Lucca realiza reuniões do PCB na sua residência; Prontuário 71369 (Maçonaria de São Paulo), relatório de 25 out. 1937, informando que o Dr. Carlos Mauro era italiano e membro do PCB, e especialmente os Prontuários 86233 (Estímio Soldati) e 1283 (Salvatore di Matteo), onde há várias listas de italianos comunistas que nunca participaram do antifascismo italiano. Provavelmente, eram italianos catequizados no Brasil diretamente pelo PCB.
- 19 Ver AN/MJNI 226, Processo de Expulsão de Otavio Mattiazzo e Ettore Sacchetto, onde se relata que a primeira providência do primeiro, comunista já na Itália, ao chegar ao Brasil, em 1923, foi se unir ao PCB.
- 20 Ertulio Esposito, por exemplo, foi preso com material e boletins do PCB e exemplares do *L’Unità*, de 1931, enquanto servia de viajante comercial do *La Difesa* e correio do PCB. Ver AN/IJ 6, 402, Processo de expulsão Ertulio Esposito, 1932, diversos documentos. Outros informes contam de italianos que entraram para o PCB por influência de Esposito e de outros antifascistas como Manlio Scavone ou de brasileiros (ainda que filhos de italianos) ligados ao PCB e à ANL e que foram presos com material de propaganda do antifascismo italiano, livros de Frola, etc. Ver AESP/Dops, Prontuários 2061 (Ugo Vittori) e 1278 (Antonio Baricelli).
- 21 *Jornal O País*, 26 jun. 1924, citado em Edgar Carone, *Movimento operário no Brasil (1877-1944)* (São Paulo: Difel, 1979), pp. 484-6.

O manifesto é assinado por Umberto Terracini pelo PCI e Astrojildo Pereira e Rodolfo Coutinho pelo PCB.

²² Ver os relatórios constantes em AESP/Dops, Prontuários 487 (Conrado Bernacca) e 77882 (Renato Bifano).

²³ Charles Delzell, *I nemici di Mussolini* (Turim: Einaudi, 1966), cap. 5.

²⁴ A bibliografia francesa disponível sobre o tema é imensa: ver Leonardo Rapone, “I fuorusciti antifascisti, la Seconda Guerra Mondiale e la Francia”, em Pierre Milza, *Les italiens en France de 1914 a 1940*, cit.; Giorgio Caredda, “I comunisti italiani in Francia”, em Gianni Perona, *Gli italiani in Francia, 1938-1946* (Milão: Franco Angeli, 1994); Loris Castellani, “Un aspect de l’émigration communiste en France: les groupes de langue italienne au sein du PCF (1921-1928)”, em Pierre Milza, *Les italiens en France de 1914 a 1940*, cit.; F. Valente, *Le Parti Communiste français et les immigrés italiens de 1923 a 1932* (Paris, 1983) e Giuliano Pajetta, “L’emigrazione italiana e il PCF tra le due guerre”, em *Critica Marxista*, Roma, VIII, 6, p. 970; Cf. Stefano Schiapparelli, “L’emigrazione nel Lussemburgo, nel Belgio e in Svizzera”, em Massimo Massara (org.), *op. cit.* e Max Gallo, “Le rôle politique de l’immigration italienne au Grand Duché de Luxembourg de 1922 an lendemain de la deuxième guerre mondiale”, em *Il Risorgimento – Revue européenne d’histoire italienne contemporaine*, IV, nº 1-2, 1983; Anne Morelli, *Fascismo e antifascismo nell’emigrazione italiana nel Belgio* (Roma: Bonacci, 1987); Mario Cerutti, “Alcuni cenni sull’emigrazione romagnola in Svizzera dalle origini al periodo fascista”, em *Antifascisti romagnoli in esilio* (Florença: La Nuova Italia, 1983) e *Fra Roma e Berna. La Svizzera italiana nel ventennio fascista* (Milão: Franco Angeli, 1986); Pietro Rinaldo Fanesi, *Albano Corneli e l’esilio antifascista in Argentina* (Milão: Franco Angeli, 1991), “El antifascismo italiano in Argentina”, em *Estudios migratorios latinoamericanos*, IV, 12, 1989 e “L’esilio antifascista e la comunità italiana in Argentina”, em Vanni Blenghino, *La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell’emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970* (Milão: Nicola Teti Editore, 1994); Maria de Lujan Leiva, “Il movimento antifascista italiano in Argentina, 1922-1945”, em Bruno Bezza (org.), *Gli italiani fuori d’Italia* (Milão: Franco Angeli Editore, 1983).

²⁵ Vittorio Vidali nos conta sobre como os poucos comunistas italianos dos EUA se articularam na Federazione Italiana del

Partito Comunista degli Stati Uniti (ver “Stati Uniti e America Latina – la mia battaglia per la libertà”, em Massimo Massara (org.), cit., enquanto Gianfausto Cresciani mostra como os poucos comunistas italianos da Austrália se organizaram em grupos autônomos, articulados com o Partido Comunista australiano (ver “L’opposizione al fascismo degli italiani in Australia, 1922-1940”, *Il movimento di liberazione in Italia*, XXV, 113, 1973; *Fascismo, antifascismo e gli italiani in Australia, 1922-1945* (Roma: Bonacci, 1979); “Italian Antifascism in Australia, 1922-1945”, em Renzo De Felice, *Cenni storiche sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in Australi* (Milão: Franco Angeli Editore, 1979); Giuliano Pajetta e Loris Gallico, por sua vez, mostram a presença de italianos emigrados no Partido Comunista tunisino (ver “L’emigrazione italiana e il PCF tra le due guerre”, cit., e Loris Gallico, “Gli italiani nel Partito Comunista tunisino”, em Massimo Massara (org.), *op. cit.*

²⁶ Ver Juliette Bessias, *La Méditerranée fasciste – L’Italie mussolinienne et la Tunisie* (Paris: Khartala, s/d).

²⁷ Cf. Anne Morelli, “La politisation des émigrés italiens en Belgique dans l’entre deux guerres”, em Michel Dumoulin, *Aspects des relations de la Belgique, du Grand Duché de Luxembourg et les Pays Bas avec l’Italie, 1925-1940* (Bruxelas, 1983).

²⁸ Pier Paolo D’Atorre, “L’evoluzione storica dell’emigrazione attraverso alcune analisi del movimento operaio”, *Affari Sociali Internazionali*, Roma, II, nº 1-2, 1974 e Eric Vial, “Le casellario politico centrale – Source pour l’histoire de l’émigration politique”, cit.

²⁹ Loris Castellani, “La Fratellanza Reggiana: une association d’émigrants dans la guerre (1936-1946)”, em Gianni Perona (org.), *Gli italiani in Francia, 1938-1946* (Milão: Franco Angeli, 1994).

³⁰ Ver Leonardo Rapone, “L’Unione Popolare Italiana”, em *L’Italia in esilio – L’emigrazione italiana in Francia tra le due guerre* (Roma/Paris: 1984) e “I politici e le masse”, em *Italiani di Francia – L’emigrazione fra le due guerre* (Florença: Giusti, 1989).

³¹ A ausência de migração comunista forte foi, obviamente, apenas um dos fatores que explicam as dificuldades e, finalmente, o desaparecimento do antifascismo italiano como força organizada no Brasil no fim dos anos 30. Ver, a respeito, João Fábio Bertonha, “O antifascismo no mundo da diáspora italiana – elementos para uma análise comparativa a partir do caso brasileiro”, *Altreltalia*, Turim, nº 17, 1998.



Comunistas x Fascistas, centro de São Paulo, 7/10/1934 (Iconografia).